



Caderno de Leitura

Leituras Indígenas

2021

Palavras dadas

Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber.

Davi Kopenawa

Faz muito tempo, você veio viver entre nós e falava como um fantasma. Aos poucos, você foi aprendendo a imitar minha língua e a rir conosco. Nós éramos jovens, e no começo você não me conhecia. Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de napë. Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos. Apesar disso, você veio até mim e se tornou meu amigo. Você ficou do meu lado e, mais tarde, quis conhecer os dizeres dos xapiri, que na sua língua vocês chamam de espíritos. Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós. Ficamos muito tempo sentados, falando, em minha casa, apesar das picadas das mutucas e piuns. Poucos são os brancos que escutaram nossa fala desse modo. Assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que se perguntam o que pensam os habitantes da floresta. Antigamente, nossos maiores não contavam nenhuma dessas coisas, porque sabiam que os brancos não entendiam sua língua. Por isso minha fala será algo de novo, para aqueles que a quiserem escutar.

Mais tarde, eu disse a você: “Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de Omama e dos xapiri. Desenhe-as primeiro em peles de imagens, depois olhe sempre para elas. Você vai pensar: “Haixopë! É essa mesmo a história dos espíritos!”. E, mais tarde, dirá a seus filhos: “Estas palavras escritas são as de um Yanomami, que há muito tempo me contou como ele virou espírito e de que modo aprendeu a falar para defender a sua floresta”. Depois, quando essas fitas em que a sombra das minhas palavras está presa ficarem imprestáveis, não as jogue fora. Você só vai poder queimá-las quando forem muito velhas e minhas falas tiverem já há muito tempo sido tornadas desenhos que os brancos podem olhar. Inaha tha? Está bem?

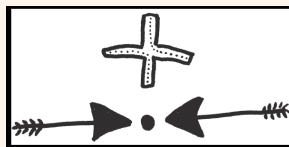
Como eu, você ficou mais experiente com a idade. Você desenhou e fixou essas palavras em peles de papel, como pedi. Elas partiram, afastaram-se de mim. Agora desejo que elas se dividam e se espalhem

bem longe, para serem realmente ouvidas. Eu lhe ensinei essas coisas para que você as transmita aos seus; aos seus mais anciãos, aos seus pais e sogros, aos seus irmãos e cunhados, às mulheres que você chama de esposas, aos rapazes que irão chamá-lo de sogro. Se lhe perguntarem: “Como você aprendeu essas coisas?”, você responderá: “Morei muito tempo nas casas dos Yanomami, comendo sua comida. Foi assim que, aos poucos, sua língua pegou em mim. Então, eles me confiaram suas palavras, porque lhes dói o fato de os brancos serem tão ignorantes a seu respeito”.

Os brancos não pensam muito adiante no futuro. Sempre estão preocupados demais com as coisas do momento. É por isso que eu gostaria que eles ouvissem minhas palavras através dos desenhos que você fez delas; para que penetrem em suas mentes. Gostaria que, após tê-las compreendido, dissessem a si mesmos: “Os Yanomami são gente diferente de nós, e no entanto suas palavras são retas e claras. Agora entendemos o que eles pensam. São palavras verdadeiras! A floresta deles é bela e silenciosa. Eles ali foram criados e vivem sem preocupação desde o primeiro tempo. O pensamento deles segue caminhos outros que o da mercadoria. Eles querem viver como lhes apraz. Seu costume é diferente. Não têm peles de imagens, mas conhecem os espíritos xapiri e seus cantos. Querem defender sua terra porque desejam continuar vivendo nela como antigamente. Assim seja! Se eles não a protegerem, seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltava inteligência, já que só terão deixado para eles uma terra nua e queimada, impregnada de fumaças de epidemia e cortada por rios de águas sujas!”.

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e genros de Omama. São as palavras dele, e as dos xapiri, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de Omama as colocou

em meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi Omama. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria.



Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos xapiri estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de Omama. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo. Desde sempre, elas vêm protegendo a floresta e seus habitantes. Agora é minha vez de possuí-las. Mais tarde, elas entrarão na mente de meus filhos e genros, e depois, na dos filhos e genros deles. Então será a vez deles de fazê-las novas. Isso vai continuar pelos tempos afora, para sempre. Dessa forma, elas jamais desaparecerão. Ficarão sempre no nosso pensamento, mesmo que os brancos joguem fora as peles de papel deste livro em que elas estão agora desenhadas; mesmo que os missionários, que nós chamamos de “gente de Teosi”, não parem de dizer que são mentiras. Não poderão ser destruídas pela água ou pelo fogo. Não envelhecerão como as que ficam coladas em peles de imagens tiradas de árvores mortas. Muito tempo depois de eu já ter deixado de existir, elas continuarão tão novas e fortes como agora. São essas palavras que pedi para você fixar nesse papel, para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho. Quem sabe assim eles finalmente darão ouvidos ao que dizem os habitantes da floresta, e começarão a pensar com mais retidão a seu respeito?

~~ka... yane ipa~~ xanomami yane ipa
utupayasiki hiptai kahonapewamak
ha.

Eu, um Yamomani, dou a vocês, os brancos, esta pele de imagem que é minha.

Fonte: KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 63 - 66.

História do roubo do fogo

Gakaman Suruí

Contam que depois de soprar a vida sobre os ossos, quando os Paiter já estavam vivendo, Palob pensou o que poderia fazer com eles. Ele pensou:

— Meus filhos devem estar com frio. Farei alguém para buscar o fogo.

Nesse momento Orowáhb, o pássaro, surgiu.

— Tudo bem, Amõ?1 – disse Orowáhb.

Contam que Palob então explicou:

— Eu preciso de fogo para meus filhos e você pode pegar para mim.

— Sim! – respondeu Orowáhb.

— Você deve ir buscar o fogo. Você deve tomar o fogo das onças.

Contam que ele concordou e Palob propôs fazer o tratamento com ele. Fez com Orowáhb da mesma forma que havia feito com o veado, passou as plantas amargas em todo o seu corpo, até nos olhos e no ânus. Contam que então Palob o orientou assim:

— Ao chegar lá, na casa das onças, você deve dizer a elas que está doente, com muita febre, porque está com saudades dos seus antepassados.

— Sim! – disse ele.

Contam que assim Orowáhb fez. Chegou à casa das onças cabisbaixo.

Contam que as onças vieram ao seu encontro com esturros – Ri, ri, ri! – e então ele disse.

— Estou aqui, andando entre vocês, porque não estou bem.

Contam que as onças o colocaram sentado na beira da fogueira, dizendo para ele:

— Sente-se aqui na beira do fogo.

— Estou com saudades dos meus pais, dos meus antepassados, e isso está me deixando com febre.

Contam que as onças, ouvindo o que ele dizia, falavam assim:

— Deixe-nos comer você.

— Não, não sirvo para ser comido. Podem me lambar aqui para sentir.

Assim faziam as onças, lambiam o Orowáhb.

— Nossa! O que aconteceu com você? Que desperdício!

— Não sei – dizia ele.

— Será que pelo menos o seu olho podemos comer? – diziam para ele.

— Será que o seu cérebro podemos comer?

— Não, eu sou todo amargo assim mesmo – dizia para as onças.

Contam que foi assim que o Orowáhb, que estava com as penas grandes, colocou a pena no fogo. Foi quando alguém disse para ele:

— Amigo, você está queimando, sua pena está queimando!

Quando a onça falava, Orowáhb tirava a pena dele do fogo. Contam que logo em seguida ele fazia novamente, colocava a pena de novo no fogo.

— Você está queimando sua pena, amigo! – diziam para ele.

Foi quando a pena de eu rabo pegou fogo de verdade, antes que as onças percebessem. Quando sua pena pegou fogo, ele saiu voando. Contam que ele pousou primeiro no noah papí, o urucum do rio. Depois, contam que ele pousou no aber, na árvore do Breu e pousou no toubaray.

E então ele chegou até Palob. Contam que ele se apresentou, entregando o fogo.

— Você fez muito bem! Era isso que eu estava querendo! – Palob disse para Orowáhb.

Foi assim que viemos a ter o fogo, assim contam as pessoas. Assim Palob tomou o fogo das onças para os seus filhos, fortalecendo seus filhos. E assim distribuiu o fogo. Por isso o urucum tem fogo, aber tem fogo e também o toubaray.

Contam que as onças foram embora porque não tinham mais o fogo. Depois disso Palob também fez muitas outras coisas para o futuro dos seus filhos.

Fonte: SURUÍ, Gakaman. História do roubo do fogo. *In*: PAPPANI, Angela; LACERDA, Inimá. **Histórias do começo e do fim do mundo**: o contato do povo Paiter Suruí. São Paulo: Ikore, 2016. p. 69-71.

Vivendo como o yara

Soman Suruí

Há muito tempo viemos nos misturar com os yara ey. Morávamos lá na aldeia Pakobtabitorl depois viemos morar com os yara ey. Viemos de lá. Decidimos ser yara, viver como os yara ey. Na época morávamos na floresta, é de lá que viemos. Não éramos daqui, éramos da floresta e viemos nos misturar com os yara ey, assim fizemos há muito tempo. Direto da floresta viemos morar com os yara ey no posto indígena Sete de Setembro.²

Nasci e cresci na floresta, hoje tenho comigo todo o conhecimento de como viemos da floresta e nos misturamos com os yara ey, mas ainda não consigo compreender o porquê. Por isso, acredito que vim morar com o yara para sofrer. Antes, quando eu vivia sem os yara ey, era saudável; hoje vivo sofrendo, vivo doente. Mas Palob é testemunha de que eu estar viva ainda é só porque ele sabe de todas as coisas.

Decidimos deixar a nossa vida de Paiter e viver com os yara ey e viver como yara. Não sei ao certo sobre isso, somente o yara sabe. Vimos vestígios dos yara ey, vimos que poderiam tomar e controlar tudo e, mesmo sem saber ao certo, teríamos que fazer contato, viver como os yara ey.

Fizemos contato quando eu já era adulta, eu já tinha filhos, Roberto já era grande. Eu já era madura. Meu pai faleceu quando eu já tinha filhos. O yara feriu meu pai. Eu ainda era uma criança inocente, só percebi que meu pai estava ferido porque ele falou que o yara tinha atirado nele e ele estava todo cheio de ferimentos à bala pelo corpo. Então eu chorei. Quando ele me viu chorando, disse que não era para eu chorar, porque ele ainda estava vivo, mas que, com o tempo, iria morrer por causa das balas em seu corpo. Hoje vejo que ele estava certo, meu pai morreu. Meu pai dizia que ele poderia viver muito mais tempo se isso não tivesse acontecido com ele. Ele disse que sua vida tinha sido amaldiçoada pelos yara ey. Meu pai morreu ainda jovem e eu vim morar com os yara ey que acabaram com a vida de meu pai.

Deixamos de viver nossa vida de Paiter na floresta para viver como os yaraey. Eu jamais vou me acostumar a viver como yara, porque minha

vida é de Suruí. Acostuma-se a viver como yara quem nasceu no meio deles. Esse, sim, vive como yara. Eu, não. Parece que quero morrer vivendo com os yara ey.

O primeiro contato foi lá no Nabekodabalakiba.³ Depois é que decidimos vir nos misturar com os yara ey. Hoje eu compreendo que esse foi o nosso fim. Decidimos nos misturar com os yara ey foi o nosso fim. Buscamos o sofrimento, ao nos misturar com eles, deixando nossa vida de floresta, onde podíamos viver livres, plantando cará, para depois fazer yatir e beber yatir que se faz na panela de barro. Não fazemos mais nada disso. Sou do tempo da floresta, não sei viver como o yara.

Foram várias as minhas aldeias, o povo construiu várias aldeias. Minha vida começou lá no Pakobtabitor, depois viemos construindo muitas outras. Lá tínhamos nossa vida, tínhamos roça, plantação de amendoim. Não era pouco, não. As pessoas faziam colheitas de amendoim e distribuíam entre eles. As pessoas sempre faziam a distribuição daquilo que plantavam, nos reuníamos para fazer makaloba e depois tomávamos makaloba, comíamos milho, assávamos o milho e chamávamos as pessoas para comer. Isso era na floresta. As pessoas viviam em paz na floresta. Viemos seguindo o Ikabékain, essa foi nossa jornada, viemos de muito longe construindo e morando em tapiris para vivermos com os yara ey.

A decisão de nos misturarmos com os yara ey foi a decisão de nossa extinção. Por isso eu não tenho mais vida. Muita gente perdeu sua vida no meio dos yara ey. O que é a vida? É viver sua cultura, sua tradição, não viver a vida do outro. É isso, já contei aquilo que eu sei da nossa vida.

.....

1 Nome de aldeia, significa tronco cortado da árvore garapeira.

2 Sete de Setembro denominou o primeiro posto da FUNAI dentro do território Suruí. Depois da demarcação da terra, todo o território recebe o nome de Terra Indígena Sete de Setembro.

3 Nome do local: "onde os facões foram pendurados".

Fonte: SURUÍ, Soman. Vivendo como o yara. *In*: PAPPANI, Angela; LACERDA, Inimá. **Histórias do começo e do fim do mundo**: o contato do povo Paiter Suruí. São Paulo: Ikore, 2016. p. 229-230.

Ay Kakuri Tama(Eu Moro na Cidade)

Estrela Márcia Wayna Kambeba

Ay kakuyri tama.
Ynuá tama verano y tana rytama.
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.

Tradução:

Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia,
Não apagamos nossa cultura ancestral,
Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.

Nasci na Uka sagrada,
Na mata por tempos vivi,
Na terra dos povos indígenas,
Sou Wayna, filha da mãe Aracy.

Minha casa era feita de palha,
Simples, na aldeia cresci
Na lembrança que trago agora,
De um lugar que eu nunca esqueci.

Meu canto era bem diferente,
Cantava na língua Tupi,
Hoje, meu canto guerreiro,
Se une aos Kambeba, aos Tembê, aos Guarani.

Hoje, no mundo em que vivo,
Minha selva, em pedra se tornou,
Não tenho a calma de outrora,
Minha rotina também já mudou.

Em convívio com a sociedade,
Minha cara de “índia” não se transformou,

Posso ser quem tu és,
Sem perder a essência que sou,

Mantenho meu ser indígena,
Na minha Identidade,
Falando da importância do meu povo,
Mesmo vivendo na cidade.

Fonte: KAMBEBA, *Estrela Márcia Wayna*. **Ay Kakuyri Tama (Eu moro na cidade)**. Manaus: Grafisa, 2013. p. 25. Disponível em: https://issuu.com/eduardolacerda3/docs/livro_ay_kakyri_tama_-_eu_moro_na_c. Acesso em: 10 ago. 2021.

Cordel de apresentação

Auritha Tabajara

Sou Auritha cordelista
Nascida longe da praia
Fascinada pelas rimas
E melodia da jandaia
No Ceará foi a festa
Meu leito foi a floresta
Nas folhas de samambaia.

Minha essência ancestral
Me encontra cordelizando
Em amparo faz me existir
E ao mundo eu vou contando
Que minha forma de amar
Ninguém vai colonizar
Da arte vou me armando.

Filha da mãe natureza
Mulher guerreira eu sou
Com a força feminina
Cinco século atravessou
Cada vez mais sábia e forte
Meu medo sempre é a morte
Que o preconceito gerou.

Hoje essa mulher levanta
Com letra e voz autoral
Contra toda violência
Por um amor ancestral
De um corpo ensanguentado
Usado sem ser amado
Mas com espírito imortal.

E baseado na bíblia

O homem veio ditar
Sua fé que é pecado
O mesmo sexo amar
E com massacre e doença
Nossa língua nossa crença
Tentaram assassinar.

Essa força feminina
Traz um sagrado poder
Nascemos com a natureza
Com ela vamos morrer
É nossa ancestralidade
E nossa diversidade
Que nos faz sobreviver

Minha avó é referência
Desde o tempo de menina
Até me tornar mulher
Nas histórias que ela ensina
Me ensinou a falar
Que a mulher tem seu lugar
É raiz que nunca termina.

Fonte: TABAJARA, Auritha. Cordel de apresentação. In: LIRA, Cris. **Ouvindo mulheres - 11**. [S. l.]: SerMulherArte, 2020. Disponível em: <http://www.sermulherarte.com/2020/07/coluna-ouvindo-mulheres-11-o-poder.html>. Acesso em: 5 ago. 2021.

O grão

Auritha Tabajara

Vou contar lhe um segredo
Que aprendi como enredo
Recitado em poesia
De um grão que foi plantado
Cultivado e germinado
Que se pratica todo dia.

Esse grão vem da memória
Transformado em história
Para nossa educação
Um velho quem me contou
Sobre o grão que ele plantou
No despertar da tradição.

Eu fiquei imaginando
Na cabeça martelando
O que esse grão significa?
Será bom para comer?
Pra ninguém queria dizer
Vai que esse grão não fica!

Fui perguntar lá no rio
Mas ele estava com frio
E não quis me responder.
Volte até o curral
Mas não tinha um animal
Para algo me dizer.

Fui perguntar pra jandaia
Que se banhava na praia
Pro lado de Fortaleza,
Ela me mandou voltar
Os ancestrais escutar
Ouvir a mãe natureza.

Aí me veio a lembrança
No meu tempo de infância
Que os velhos me diziam
Que prestasse atenção
Na chamada educação
Não deixar cuca vazia.

Eu ouço história na aldeia
E para que outros leia
Escrevo aqui no papel.
É o grão que estou plantando
Outra geração deixando
Nesta forma de cordel.

Mesmo sendo na cidade
Se educar com humildade
Da raiz não esquecer,
Falar o suficiente
De tudo ser consciente
Não deixar se enlouquecer.

Esse grão é valioso
Para alguns misterioso
É preciso transformar
Plante na sua cabeça
Um grão que te esclareça
Te ajude a lembrar.

Na aldeia a gente dança
Aprendi desde criança
O maracá balançar,
Entendi o que é respeito
Porque sabe o efeito
Na hora de educar.

Na aldeia tudo é arte
Tudo também se reparte

É cultura festejar
Pinta o corpo de urucum
Veste com palha tucum
Em tudo vale alegrar.

Damos bom dia ao sol
Como flor de girassol
Tudo vive em harmonia
Na debulha de feijão
O cuidado com o grão
Que se tem a cada dia.

Tudo com habilidade
Firme na ancestralidade
Ou na dança do toré,
O vento é nosso irmão
Lá não há separação
Entre o homem e o igarapé.

Na aldeia tudo cresce
A cultura permanece
Tudo é lindo como um grão
Grão de arroz, de trigo, aveia
Milho, café na aldeia
Grandes roças de feijão.

Joga bola a criançada
Tudo em roda e animada
E contar quando crescer
Ser contador de história
Ter presente na memória
O canto ao anoitecer.

Fonte: TABAJARA, Auritha. O grão. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 27 ago. 2018. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7401-o-grao>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Brasil

Eliane Potiguara

Que faço com a minha cara de índia?

E meus cabelos
E minhas rugas
E minha história
E meus segredos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meus espíritos
E minha força
E meu Tupã
E meus círculos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu Toré
E meu sagrado
E meus “cabocos”
E minha Terra?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu sangue
E minha consciência
E minha luta
E nossos filhos?

Brasil, o que faço com a minha cara de índia?

Não sou violência
Ou estupro
Eu sou história

Eu sou cunhã
Barriga brasileira
Ventre sagrado
Povo brasileiro.

Ventre que gerou
O povo brasileiro
Hoje está só...
A barriga da mãe fecunda
E os cânticos que outrora cantavam
Hoje são gritos de guerra
Contra o massacre imundo.

Fonte: POTIGUARA, Eliane. Brasil. *In*: POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

Eu não tenho minha aldeia

Eliane Potiguara

Eu não tenho minha aldeia
Minha aldeia é minha casa espiritual
Deixada pelos meus pais e avós
A maior herança indígena.
Essa casa espiritual
É onde vivo desde tenra idade
Ela me ensinou os verdadeiros valores
Da espiritualidade
Do amor
Da solidariedade
E do verdadeiro significado
Da tolerância.

Mas eu não tenho minha aldeia
E a sociedade intolerante me cobra
Algo físico que não tenho
Não porque queira
Mas porque de minha família foi tirada
Sem dó, nem piedade.

Eu não tenho minha aldeia
Mas tenho essa casa iluminada
Deixada como herança
Pelas mulheres guerreiras
Verdadeiras mulheres indígenas
Sem medo e que não calam sua voz.

Eu não tenho minha aldeia
Mas tenho o fogo interno
Da ancestralidade que queima
Que não deixa mentir
Que mostra o caminho
Porque a força interior

É mais forte que a fortaleza dos preconceitos.

Ah! Já tenho minha aldeia
Minha aldeia é Meu Coração ardente
É a casa de meus antepassados
E do topo dela eu vejo o mundo
Com o olhar mais solidário que nunca
Onde eu possa jorrar
Milhares de luzes
Que brotarão mentes
Despossuídas de racismo e preconceito.

Fonte: POTIGUARA, Eliane. Eu não tenho minha aldeia. *In*: POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

Ixé Ygara voltando para `Y'kûá

Ellen Lima (WASSU-COCAL)

Ixé ygara voltando para `y'kûá.
Ixé ybyrá de raízes que voam.
Xe r-oka é o vento,
Xe r-oka é a água.
A-guatá pelo mundo,
As vezes longe de casa,
As vezes perto de mim.
Xe r-oka é a terra
Da floresta, da ilusão do ocidente,
estrada, fumaça ou curupira.
Longe ou perto de casa
sou yby r-aíyra.

Fonte: LIMA, Ellen. **Ixé ygara voltando para `y'kûá**. Bragança Paulista: Urutau, 2021.

Colheita

Graça Graúna

Num pedaço de terra
encabulada, mambembe
o caminho de volta
a colheita, o ritmo
o rio, a semente

Planta-se o inhame
e nove meses esperar
o parto da terra.
Planta-se o caldo
e docemente esperar
a cana da terra

Palavra: eis minha safra
de mão em mão
de boca em boca
um porção Campestre
Potiguara ser.

Fonte: GRAÚNA, Graça. Colheita. **Acrobata**: literatura, audiovisual e outros
desequilíbrios, Teresina, 7 nov. 2019. Disponível em:
<https://revistaacrobata.com.br/acrobata/poesia/3-poemas-de-graca-grauna/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Ofertório

Graça Graúna

Comei e bebei!
estas palavras são meu corpo
nem alegre, nem triste
só um corpo

Comei e bebei!
Nestas palavras minh'alma
talvez a mais próxima
de um revoar de sonhos

Mas se este ofertório
te parece pouco,
ide ao verso-reverso
onde o nosso sudário
continua exposto

Fonte: GRAÚNA, Graça. Ofertório. *In*: JANELAS em rotação. [Piauí]: TV Cidade Verde, 2016. Disponível em:
<https://cidadeverde.com/janelasemrotacao/74757/graca-grauna-poemas>.
Acesso em: 09 ago. 2021.

Ancestralidade

Márcia Mura

Antes de eu nascer eu era chuva Eu era vento
Eu era rio
Eu era terra
Depois que recebi o sopro de akitiparré
Me tornei gente!
Fui alimentada por minha avó com os frutos dados por Namatuyky
Sou Mura!
Meu corpo e meu espírito são alimentados com moquém
Cará roxo! Pupunha! Puruí! Urucurí! Sou minha avó indígena!

Fonte: MURA, Márcia. Ancestralidade. *In*: HOLANDA, Heloisa Buarque (org.). **As 29 poetas hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Caminho de volta

Márcia Mura

Sonhei com a maloca ancestral
Sentada no chão batido no cantinho da maloca uma anciã
Seu olhar transcendia ancestralidade
Tudo emanava o espírito sagrado
As palhas que a cobriam
As paredes de paxiúba
E aquela anciã que era eu mesma
Agora eu sei o caminho que me levará à maloca ancestral!

Fonte: MURA, Márcia. Caminho de volta. *In*: HOLANDA, Heloisa Buarque (org.). **As 29 poetas hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Índio eu não sou

Márcia Wayna Kambeba

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.
Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.

Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir
Na minha Uka me escondi.

Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembé
Sou kokama, sou Sataré
Sou Guarani, sou Arawaté
Sou tikuna, sou Suruí
Sou Tupinambá, sou Pataxó
Sou Terena, sou Tukano
Resisto com raça e fé

Fonte: KAMBEBA, Márcia Wayna. Índio eu não sou. *In*: KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay kakyrítama**: eu moro na cidade. São Paulo: Pólen, 2018.

E se...

Merremii Karão (Karão Jaguaribaras)

E se eu pudesse gritar sempre que tivesse vontade
Poder expressar minha fúria em momentos importunos
Hoje estaria no topo mais alto gritando
Clamando, desordenando minha estrutura.
E se eu pudesse pular de um precipício, sem nada me ferir
Sentir a força do ar em minha pele e deixar o vento me sacudir
Hoje eu estaria no auto da montanha
Sentindo a sensação que é poder saltar
Sem a necessidade de sentir a dor me penetrar.
E se eu pudesse enxergar no escuro
Poder ver como a noite é
Hoje eu estaria na ausência de luz
Me deliciando daquilo que ela conduz.
E se eu pudesse correr veloz
Poder estar em todos os lugares a qualquer momento
Hoje estaria distante, amanhã estaria além deste mundo
Sem a necessidade me limitar em um mundo feroz.
E se eu pudesse ser livre
Hoje não estaria presa a um sistema carnívoro
Que corrompe nossas almas e devasta nosso ser
Eu estaria dispersa, fazendo as mais loucas histórias
E não vivendo por viver.

Fonte: KARÃO, Merremii. **E se...** [Texto inédito].

Cordel do sonho alheio

Merremii Karão (Karão Jaguaribaras)

Cordel do sonho alheio
O que fazes em meu pensar?
Permita-me que eu te pinte
E te mostre como despertar
Cordel do sonho alheio
Como faço para te alcançar?
Me deixe te ver melhor
Para poder te desenhar
Cordel do sonho alheio
Quantas vidas você tem?
Diga-me o necessário
Mostre a mim o que te convém.

Fonte: KARÃO, Merremii. **Cordel do sonho alheio**. [Texto inédito].

Se somos livres, por que ainda sinto as correntes?

Merremii Karão (Karão Jaguaribaras)

Não dá para entender
Esse conceito de liberdade
Se quando olho a minha volta
Vejo correntes por toda parte

Correntes em minha mente
Correntes em vários pulsos
Correntes em minha fala
Correntes em cada mundo

Limitaram meu andar
Proibiram-me de pensar
Me deixaram cansada
Assim não posso me libertar.

Minha mente reflete
Todo este conceito
Desde quando começou
E como se tem feito

Hoje me afogo
Em diversas estruturas
Não sei pra onde correr
Nem a quem recorrer

Ué!! Aonde foi parar
A tão falada liberdade
Se me dizem que sou livre
Por que ainda sinto essas correntes?

Correntes que amarram
Toda minha trajetória
Com conceitos que mudam

A origem de minha história

Fonte: KARÃO, Merremii. **Se somos livres, por que ainda sinto as correntes?** [Texto inédito].

RETOMADA ORIGINÁRIA

Renata Machado Tupinambá

Vamos falar a verdadeira história
Que os colonizadores escondem
Nas estátuas erguidas por todo Brasil
A pátria que não nos pariu.
Carrego a memória de um povo
As muitas vozes dos meus avós
Meu destino é ser onça?
Vivo e respiro com meus antepassados
Os velhos retornam para cumprir seus destinos
Da Amazônia ao Pará,
Do Pará a Salvador,
De Ilhéus ao Rio de Janeiro
Por todo litoral
Somos tuba ypy abá
Somos Tumpinambá
Os Primeiros
Uma grande família do tronco Tupi
Prazer me chamam de Aracy
Sou Ara Tykyra do clã de Maria Laurinda da Conceição,
Morta com uma bala no peito
Na nossa pele dizem que mestiçagem pode ser um defeito
Recebemos muitos nomes ao longo da caminhada
Em busca de uma Terra Sem Males
Os verdadeiros heróis foram esquartejados
E até em paredes seus ossos cimentados
No cai eu vi pretos novos
Jovens trazidos de longe que nunca mais viram suas famílias de novo
Fizeram de todos os povos originários objetos do mundo novo
Fetichismo de antropólogos, missionários e romancistas
Hoje apenas o currículo lattes dos grandes especialistas
No porão da ditadura
Guardam segredos
Os sete pecados do indigenismo

Do serviço de desproteção ao índio
Encontrado no Relatório Figueiredo
De extermínios, roubos, estupros, mortes e torturas,
Daqueles que não tiveram medo.
Embaixo e em cima dos concretos
Vozes desejam liberdade
Mas alguns religiosos agem com iniquidade
Apesar da idade
O sono é apenas dos justos.
A insônia é dos mutilados
A terra geme um grito abafado
As paredes são muros de pele e ossos.
O que os políticos querem é comprar os seus votos
O crochê deles é feito com pedaços de muitos corpos
Assassinados
Pelo legislativo, judiciário e executivo
Do Brasil
A pátria que não nos pariu.
Abro a mordança
Rasgo a couraça
Quebro o concreto
Tenho fome de essência
Faço da cultura minha ciência
Nossa raiz é resistência e identidade
Voz um caminho para a liberdade.

Fonte: TUPINAMBÁ, Renata Machado. Retomada originária. **Poesia indígena hoje**, [s. l.], n. 1, 2020.

GRANDE REENCONTRO

Sony Fersek (Macuxi)

por sob o dourado
a palha viva
ornamento ocre
do vento que passa
por sobre as serras
meu tom de terra
me confunde o corpo
cor de semente
de sucupira
Por sob a sombra
o caminho e a pegada
ardo em trilhas (de fogo)
:Não existe o nada
Por entre as mãos
trabalho tuas mãos
em minhas
que se abrem
em dedos de cinza
fumaça, tabatinga e jenipapo
em tinta se fecham
em roda, canto, voz, meninas
Gesto gestos
meu lugar - junto - às irmãs
à Wei
Assim me a - guardo
te a - guardo
em via.

*Dizem que as filhas de Wei , da Sol, iluminam os caminhos dos mortos pela Via Láctea, pelas plêiades, elas que permitem o grande reencontro com os que já se foram. Aguardo nelas. Em tempo, como neta de Wei, ela é quem também me permite todo dia que me reencontre com o povo Macuxi.

Fonte: FERSEK, Sony. **Grande reencontro**. [Texto inédito].

Sem título

Sony Fersek (Macuxi)

Nós, mulheres invisíveis
aprendemos pela casa
a linguagem dos cômodos
apertando entre os dentes
nosso silêncio de sangue
empurrado pelos quartos
como os filhos que teremos
e que nos odiarão pelo espelho
(mas ainda assim o espelho virá).

Nós, mulheres domésticas
desaprendemos do nosso antigo nome
que antes dizia bicho, rio, sol, beija-flor.
pra virar água de batismo-catequese-castigo.
Rima qualquer entre o som e o desprezo
que não grita mais a palavra deus
(mas ainda assim dito)

Nós, mulheres silenciosas
muito menos parecidas com as outras
vivas ou mortas
guardamos entre as pedras os ossos
dos homens que jamais nos predisseram
Assim como a eles
Só nos restam cantigas rupestres
incrustadas nos ermos de não ir
(mas que ainda assim iremos)

que não se enganem

toda aquela que faz silêncio
guarda o intocável
assim permanecemos

tecendo a vida como a
fibra de um ornamento
uma língua de fumaça
que só diz palavras de cura
afiando a lâmina pela terra
em luta.

Nós, mulheres infinitas.

Para as mulheres indígenas.

Fonte: FERSEK, Sony. Sem título. *In*: FERSEK, Sony. **Movejo**. Boa Vista: Wei Editora, 2020.

MAKUNU'PA¹

Sony Fersek (Macuxi)

Cheia cheia
Como água
correndo rio
claro claro
de areia de piaba
de mulher
Pela bacia
Pelas pedras
Pelos pés
Água cheia
de piabas
de gentes
de correntezas
Caminhos dos peixes
Que se enfeitam
Nas cachoeiras
imantî pî pona'
maroko watarikuma²
lavrando na terra
veios que alimentam
tesos de buritizal
lagos de peixinhos
olhos de Makunaima
que o verão espelha
:eu saí pra rio

Makunu'pa
: manamari ³
Makunaimî
: - Meu irmão assim
Também me és
Aprende

Venha Vindo.

1 – Segundo seu Alcuíno de Lima, da comunidade do Taxi, na TI Raposa-Serra do Sol, nasceram Makunaimî e Makunu'pa, um menino e uma menina gêmeos. Segundo ele o radical makun – seria relacionado a makunai've, gêmeos em Makuxi Maimu.

2 – Canto interpretado por Terêncio Silva e Zenita Lima, Manaaka e Yauyo, em Pantan Pia' – Eremukon do circum-Roraima: "Lá na subida da cachoeira os peixes se enfeitam".

3 – espelho em Makuxi maimu

4 – Na época do verão aparecem espelhos d'água, laguinhos no meio do lavrado que chamamos Olhos de Makunaimî. Bom, pra mim Makunu'pa é um rio que corre pra sempre e transborda toda e qualquer margem, principalmente na época das chuvas.

Fonte: FERSEK, Sony. **Makunu'pa**. [Texto inédito].

Expediente

O Caderno de Leitura é uma publicação realizada para o Clube de Leitura BCCP pelo Projeto Arte na Biblioteca, da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Caderno de Leitura Ano 1 | Número 05

Reitor da Universidade Federal do Ceará: José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Diretor da Biblioteca Universitária: Felipe Ferreira da Silva

Chefe da BCCP/ UFC: Isabela Nascimento

Coordenação do Projeto Arte na Biblioteca: Francisco Moura

Editores: Francisco Moura, Rebeca Karam, Suzana Figs e Filipe Martins

Projeto Gráfico e Diagramação: Filipe Martins, Suzana Figs e Rebeca Karam

Curadoria dos textos: Suene Honorato, Francisco Moura, Nair Pires e Diana Flor Rifane.

Imagem da capa: Jaider Esbell

Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC) Campus do Pici, s/n, bloco 308 (1º andar) – CEP 60440-970 – Fortaleza – Ceará
artenabiblioteca@ufc.br / Fone: (85) 3366-9515, Facebook: bccpufc, artenabiblioteca, Instagram: @bccpufc, Youtube: Biblioteca Central do Campus do Pici da UFC - BCCP

